



FACULDADE CALAFIORI

ANA PAULA DA SILVA FERREIRA
INÊS APARECIDA CAETANO

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS E
A FORMAÇÃO DO LEITOR**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2016**

ANA PAULA DA SILVA FERREIRA
INÊS APARECIDA CAETANO

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS E
A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori,
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. M^a. Marília de Souza Neves

Linha de Pesquisa: Alfabetização, Literatura e
Linguagem

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG

2016

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS E
A FORMAÇÃO DO LEITOR**

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professora Orientadora: Prof^a. M^a. Marília de Souza Neves

Professor Avaliador da Banca: Me. Cláudio Manoel Person

Professora Avaliadora da Banca: Esp. Valéria Cristina Ruiz Félix

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG

2016

Dedicamos este trabalho a todos os que, de alguma maneira, contribuíram para que ele se concretizasse: familiares, por nos acompanharem a cada dia nesta trajetória; amigos, pelo apoio que nos ofertaram e à nossa orientadora, que tanto se empenhou, para que concluíssemos esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, que na sua infinita bondade e misericórdia, iluminou todos os nossos dias nesta jornada e nos proporcionou a coragem necessária para alcançarmos nossa meta, pois, sem ele, nada seria possível.

Aos nossos familiares, pela compreensão, proteção, amor incondicional, apoio, incentivo, confiança depositadas em nós, ao longo de todo o caminho percorrido. Às nossas amigas parceiras da faculdade, que sempre se mostraram companheiras, encorajando-nos a seguir adiante ao longo desta caminhada. Agradecemos a todos os professores do curso de Pedagogia que, ao longo de todos estes semestres, dedicaram seu saber docente incansavelmente à nossa formação. A vocês, o nosso muito obrigada e a nossa gratidão.

Em especial, nossos agradecimentos à nossa orientadora, Professora Mestra Marília de Souza Neves, pelo apoio, carinho e empenho que nos dedicou, sempre acreditando no nosso potencial, auxiliando-nos, para a conclusão deste trabalho. Muito obrigada por tudo.

Enfim, a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a nossa formação profissional.

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

(FREIRE, 2001, p.11)

RESUMO

O trabalho ora apresentado tem como objetivo analisar de que maneira as estratégias de leitura influenciam no aprendizado dessa prática, contribuindo, de forma significativa, para o desenvolvimento de tal hábito nos anos iniciais. Realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca do tema em questão e escrevemos nosso trabalho com base nas ideias de conceituados autores, como: Isabel Solé, Angela Kleiman, Ingedore Koch e Vanda Elias. Julgamos importante nossa pesquisa, pois aborda a necessidade do aprendizado em leitura na formação do indivíduo, desde a base, que é a Educação Infantil, continuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que seja inserida na sociedade da qual faz parte. Analisamos a primeira leitura, que começa na infância e se expande no ambiente escolar através da mediação do professor com a aproximação dos impressos (e/ou similares) com os alunos. Verificamos que o papel do professor na fase inicial da alfabetização, em que os alunos ainda não leem por si próprios, provoca o gosto pela leitura, proporcionando um ambiente estimulador, com materiais diversificados, desafiadores, que colaboram no processo de ensino e aprendizagem em leitura. Consideramos que a função da família e de todos os que compõem a instituição escolar seja incentivar nos educandos o gosto e hábito pela leitura por meio de exemplos e materiais de qualidade, sendo necessária uma política voltada para o aprendizado em leitura. Refletimos acerca da definição e da importância da alfabetização e letramento dentro e fora do ambiente escolar. Mencionamos as desvantagens de se tornar um analfabeto funcional e as dificuldades que enfrenta um indivíduo analfabeto. Explicamos as estratégias de leitura como procedimentos, ferramentas necessárias à formação do leitor ao serem utilizadas adequadamente.

Palavras- chave: Leitura. Educação Infantil. Estratégias de leitura.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how reading strategies influence the learning of this practice, contributing, in a significant way, to the development of such habit in the initial years. We carried out a bibliographical research on the subject in question and wrote our work based on the ideas of well-known authors, such as Isabel Solé, Angela Kleiman, Ingedore Koch and Vanda Elias. We consider important our research, because it addresses the need for learning in reading in the formation of the individual, from the base, which is the Infant Education, continuing in the early years of Elementary Education, to be inserted in the society of which it is part. We analyze the first reading, which begins in childhood and expands in the school environment through the teacher's mediation with the approximation of the printed (and / or similar) with the students. We found that the role of the teacher in the initial phase of literacy, in which the students do not yet read for themselves, provokes the taste for reading, providing a stimulating environment with diversified, challenging materials that collaborate in the teaching and learning process in reading . We consider that the function of the family and of all those that make up the school institution is to encourage in students the taste and habit for reading through examples and quality materials, being necessary a policy focused on learning in reading. We reflect on the definition and importance of literacy and literacy both within and outside the school environment. We mentioned the disadvantages of becoming a functional illiterate and the difficulties faced by an illiterate individual. We explain the strategies of reading as procedures, tools necessary for the formation of the reader when used properly.

Keywords: Reading. Child education. Reading strategies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 DISCORRENDO SOBRE LEITURA	16
1.1 O papel do professor na formação do leitor.....	21
1.2 O papel da família e da escola no desenvolvimento do leitor	24
1.3 Alfabetização e letramento.....	26
1.4 Analfabetismo funcional.....	30
2 DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	33
3 ESTRATÉGIAS DE LEITURA.....	36
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

APRESENTAÇÃO

Eu, Ana Paula da Silva Ferreira, natural de Santo Antônio da Alegria-SP, iniciei minha vida escolar no ano de 1987, na Escola Rural, no Bairro Congonhal, município de Santo Antônio da Alegria. O nome da primeira escola onde estudei era “Escola Estadual de Primeiro Grau Bairro Congonhal”. Iniciei meu percurso escolar na primeira série e frequentei a referida instituição até a quarta série.

No ano de 1991, entrei na quinta série (hoje, sexto ano do Ensino Fundamental II), na escola “Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Cônego Macário de Almeida”, concluindo o “primeiro grau” em 1994.

Continuei meus estudos na mesma escola e, em 1997, terminei o então chamado Colegial (atualmente, Ensino Médio).

Em 1998, entrei na Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de São Sebastião do Paraíso-MG, FACEAC, para cursar Ciências Contábeis, concluindo o curso no final do ano de 2002, aprovada como Bacharel em Ciências Contábeis.

Em 2013, continuei os estudos no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela faculdade Calafiori, o qual estou concluindo no final deste ano.

Para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, escolhi, juntamente com a Inês, o tema Estratégias de Leitura no Ensino Fundamental, pois sabemos que, na maioria dos lares brasileiros, o hábito pela leitura não é comum, deixando essa função somente para a escola.

Com o intuito de fazermos um trabalho consistente, convidamos a Professora Mestra Marília de Souza Neves, pelo fato de ser uma estudiosa da área de Língua Portuguesa e possuir bastante conhecimento sobre leitura, podendo nos orientar na realização de um estudo relativo ao tema selecionado.

Eu, Inês Aparecida Caetano, brasileira, solteira, oitava filha de Elzo José Caetano e Iraci Maria de Jesus, nascida na cidade de Astorga, estado do Paraná, iniciei meus estudos com sete anos de idade (pois, naquela época, não havia pré-escolar), na Escola Rural Municipal Itaipu: uma escola simples, aconchegante e muito acolhedora. Meu professor se chamava José e eu tinha extrema admiração por ele.

Fiz o primeiro ano nessa escola querida da qual tenho ótimas recordações. No ano seguinte, mais precisamente no mês de maio, minha família e eu nos mudamos para a cidade de Itamogi-MG, para um bairro da zona rural, conhecido como bairro do Pinheirinho, onde moravam os parentes do meu pai. Esse período de adaptação foi extremamente difícil para mim, pois a escola ficava muito longe, eu não tinha amigo nenhum, as pessoas pareciam bastante estranhas e os costumes eram outros.

Quando eu estava quase me acostumando à nova realidade, tivemos de nos mudar novamente para outra fazenda chamada Guanabara, porque a colheita do café havia acabado e o serviço também. Meu pai arrumou serviço no retiro, nessa outra fazenda, e então, mudamos para lá. A escola para a qual fui ficava perto de casa, era uma escola pequena, chamava-se Escola “Estadual Antônio Lisboa Soares”, e eu não me adaptei a ela, aos professores, amigos e acabei por perder o ano letivo.

No ano seguinte, retornei a essa mesma escola, tive dificuldade em me adaptar, a sala era multisseriada, tínhamos de sentar em dois nas carteiras feitas de madeira, o quadro negro era dividido ao meio: de um lado, segunda série e de outro, quarta série. A escola tinha dois banheiros, um masculino e outro feminino, e viviam mais estragados do que arrumados; uma cozinha; uma biblioteca; uma talha de água para todos os alunos; um pátio médio e o assoalho era de tábua. Em volta da escola, era plantada grama e, na porta da cozinha, tinha um pé de ipê amarelo.

Com o passar do tempo, eu consegui me adaptar, arrumei vários amigos, a professora era muito dócil e tinha muita paciência comigo. Às sextas-feiras,

formávamos uma fila indiana no pátio, tomávamos distância um do outro para cantarmos o hino nacional. A merenda era sopa e, na maioria das vezes, tínhamos de levar verdura e legumes para complementar a alimentação. A aula, marcada para começar às sete horas, comumente, iniciava às sete e meia ou oito horas, pois as professoras tinham de ir a pé ou pegar carona com o caminhão de leite, pois elas moravam na cidade e lecionavam na zona rural.

Apesar de todas as dificuldades, éramos muito felizes. Nessa escola, estudei até concluir a quarta série, motivo de muita alegria para meus pais. Devido às intempéries da vida, fiquei um ano sem estudar, visto que a prefeitura só disponibilizava transporte para o período da noite e, como eu morava muito distante do ponto onde o transporte passava, fiquei sem estudar, o que me causou muita frustração.

No ano seguinte, meu pai e os pais dos outros amigos foram até a prefeitura conversar com o prefeito, solicitando-lhe que disponibilizasse um transporte para o período da manhã. Então, fui estudar no ginásio, na cidade de Itamogi, na Escola Estadual de Itamogi. Ia de perua para a escola e me lembro de que a perua ia lotada, era muito difícil quando chovia, pois tínhamos de empurrar a perua, para não ficarmos encravados. Mas, na época da seca, chegávamos todos empoeirados.

Eu também me recordo que tínhamos de usar uniformes: calça de moletom azul, camiseta branca na qual era escrito o nome do colégio. Havia, também, carteirinha, para o controle de nota e presença. Nessa escola, estudei desde o quinto ano (1994) até a oitava série (1997). Lá era uma escola tranquila, bem arejada e fui muito feliz nesse período.

No próximo ano, mudei-me para a Escola Estadual José Soares de Araújo, onde cursei os três anos do Ensino Médio, concluindo os estudos em 2000.

No ano seguinte, como não tinha dinheiro para cursar uma faculdade, optei por estudar na Escola Estadual Clóvis Salgado, na cidade de São Sebastião do Paraíso-MG e fiz um curso técnico de Contabilidade, no ano de 2001. Em 2002, fiz o curso técnico de Turismo e Hospitalidade nessa mesma escola e, depois, fiquei dez anos sem estudar.

Em 2011, fiz o magistério na Escola Estadual José Soares de Araújo” e me apaixonei pelo magistério. Por esse motivo, resolvi cursar a Faculdade Calafiori, também no município de São Sebastião do Paraíso, optando por Pedagogia. Enfrentei muitos obstáculos, não tive o apoio de “ninguém”, jamais pude imaginar

que, um dia, conseguiria formar-me, até porque meus irmãos não tiveram as mesmas oportunidades que eu tive, pois precisaram sair da escola para ajudar na renda familiar.

Na minha família, eu sou motivo de muito orgulho, garra, persistência, pois vou ser a primeira filha, de um total de sete irmãos, com curso superior. O talento, a força de vontade e a persistência me trouxeram até aqui e espero que esta vitória seja o início de muitas outras que virão.

Para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, escolhi, juntamente com a amiga Ana Paula, o tema Estratégias de Leitura no Ensino Fundamental, pois sabemos que, na maioria dos lares brasileiros, o hábito pela leitura não é comum, deixando essa função somente para a escola.

Com o intuito de fazermos um trabalho consistente, convidamos a Professora Mestra Marília de Souza Neves, pelo fato de ser uma pesquisadora da área de Língua Portuguesa e possuir bastante conhecimento sobre leitura, podendo nos orientar na realização de um estudo relativo ao tema selecionado.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a proficiência na leitura ainda é um desafio. Grande parte da população não possui o hábito de ler, atribuindo a responsabilidade por essa prática apenas à escola.

Diversos alunos, quando terminam o Ensino Fundamental I e ingressam no sexto ano (início do Ensino Fundamental II), apresentam dificuldade em acompanhar o novo segmento de ensino, não leem com competência, não interpretam de maneira adequada, não possuem familiaridade com diferentes gêneros textuais, fatores que comprometem seu rendimento.

Muitas famílias também não incentivam as crianças a ler, não dispõem de portadores de texto em suas residências (por falta de recursos para adquiri-los, ou por não considerarem sua importância), não cultivando, pois, essa prática.

O professor tem uma ampla tarefa a realizar: possibilitar aos estudantes o contato com a leitura, inserindo-os no complexo universo das múltiplas linguagens, despertando-lhes o prazer pela leitura e, ao mesmo tempo, oferecendo-lhes condições necessárias para compreender os objetivos da leitura, associando-a à própria vida.

Se professor deseja obter êxito nesse trabalho, será necessário recorrer a diferentes estratégias de leitura, a fim de que os alunos sintam-se motivados a enveredar pela leitura, compreendam as obras e os textos que lerem, atribuindo a essa prática uma função utilitária, e não a enxergando apenas como processo de aquisição de um código (codificação e decodificação dos símbolos).

Para que a leitura se torne prática na escola e no meio sociocultural, é imprescindível que o professor conheça as diferentes estratégias de leitura e as utilize na sala de aula, para que os alunos dos anos iniciais tenham a possibilidade de se formarem leitores ativos.

O tema da nossa pesquisa é a prática de leitura na escola, especificamente, as estratégias de leitura nos anos iniciais. Para tanto, escolhemos o seguinte título: *“Estratégias de leitura nos anos iniciais e a formação do leitor”*.

O trabalho pretende, de maneira geral, realizar uma pesquisa bibliográfica relativa a algumas concepções de leitura, refletindo sobre a importância das estratégias de leitura para a formação do leitor.

Especificamente, objetivamos estudar sobre o modo como determinados autores conceituam a leitura e a contextualizam na instância educativa; comentar sobre a influência do professor e da família na formação do leitor; discorrer sobre o desenvolvimento da leitura na Educação Infantil e pesquisar sobre a importância das estratégias de leitura para o desenvolvimento da criança.

As dúvidas que nos inquietam e que nos motivam a realizar esta pesquisa são: de que maneira as estratégias de leitura contribuem para a formação do leitor desde a Educação Infantil, continuando gradativamente nos anos iniciais do ensino fundamental?

Para organizar nossa pesquisa, o trabalho foi dividido em três capítulos.

No capítulo primeiro, apresentamos algumas concepções sobre leitura, destacando as funções e/ou os objetivos dessa prática, de acordo com a visão de renomados autores que estudam essa área, tais como: Isabel Solé, Délia Lerner, Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Vanda Maria Elias, Luiz Antônio Marcuschi, Mary Kato, Felipe Alliende e Mabel Condemarín e Magda Becker Soares. Também explanamos sobre o papel do professor na formação do leitor, o papel da família e da escola no desenvolvimento do leitor, discorrendo, ainda, sobre alfabetização e letramento e analfabetismo funcional.

Já no segundo capítulo, abordamos a leitura de mundo, especificamos a leitura na Educação Infantil, recorrendo a autores, como Paulo Freire, Felipe Alliende e Mabel Condemarín, Isabel Solé, além de explicações obtidas no Referencial Curricular para Educação Infantil, as quais nos ofereceram importantes contribuições.

No terceiro capítulo, dedicamos um espaço considerável para as estratégias de leitura nos anos iniciais, apresentando definições relativas a essa palavra, apoiando nossa escrita nos postulados de Angela Kleiman, Isabel Solé, Mary Kato, Marília de Souza Neves, além de utilizarmos explicações obtidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

1. DISCORRENDO SOBRE LEITURA

Segundo o Dicionário Houaiss, a leitura é “o ato ou o hábito de ler; o que se lê, [...] o ato de decifrar qualquer notação ou o seu resultado escrito de algo”, sendo sinônimo de obra, texto, compreensão (Houaiss, 2010, p. 474). Geralmente, o conceito de leitura está restrito à decodificação da escrita e dos símbolos, porém sabemos, por meio das leituras feitas e de nossa própria vivência, que o ato de ler vai além, porque pressupõe interpretação, compreensão.

Para Martins (1990, p. 33):

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido — seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor.

Nesse sentido, a pesquisadora afirma que a leitura está associada ao nosso cotidiano, podendo ser feita a partir de imagens, fotos, quadros, teatros, enfim, tudo ao nosso redor nos transmite uma mensagem e, por isso, cabe a cada indivíduo uma compreensão de acordo com os seus conhecimentos prévios, ou, então, conforme a necessidade da informação do momento. Desse modo, o aprendizado da leitura abrange todo o contexto social do indivíduo na sociedade, pois envolve seus direitos e deveres como cidadão no mundo letrado em que vivemos, assim como a política e a cultura (MARTINS, 1990).

Martins (1990, p. 25) assevera que “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”, ou seja, pela leitura, o indivíduo amplia seu repertório de conhecimento, levando-o para sua sobrevivência e resolução de problemas, enfrentando desafios com estratégias de conhecimento. Logo, “decodificar sem aprender é inútil; compreender sem decodificar, impossível” (MARTINS, 1990, p. 32). Notamos, pois, que, para uma aprendizagem significativa, é necessário ler e compreender ao mesmo tempo, um aprendizado está ligado ao outro.

Martins (1990, p. 34) apregoa que:

A função do educador não seria precisamente de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Não se deve ensinar a ler apenas por exercícios de decodificação, mas criar possibilidades, para que os alunos aprendam a ler variados gêneros, permitindo-lhes uma leitura significativa, crítica e reflexiva. Reforçando o exposto, Solé (1998, p. 23) alega que:

[...] um processo ascendente, sequencial e hierárquico que leva à compreensão do texto. As propostas de ensino baseadas no mesmo atribuem grande importância às habilidades de decodificação, pois consideram que o leitor pode compreender o texto porque pode decodificá-lo totalmente.

A pesquisadora supracitada explica que o indivíduo só compreende um texto porque consegue decodificá-lo, ou seja, porque aprendeu a ler. Em sua visão, a leitura exige o domínio das habilidades de decodificação, atrelada ao uso das estratégias de compreensão, sendo o leitor um sujeito ativo, e a leitura, um processo constante que leva à construção dessa compreensão. Portanto, esclarece:

Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação. Então, quando lemos e levantamos hipóteses, vamos compreendendo o que lemos e, se não compreendemos, elaboramos ações necessárias para resolvermos a situação (SOLÉ, 1998, p. 23).

A leitura nos conclama a refletir sobre certas situações, pois, quanto mais informados somos acerca de determinado assunto, mais adequadas serão nossas decisões. Por isso, Solé (1998 p. 23) diz que “a leitura sempre envolve a compreensão do texto escrito”. Sob sua perspectiva, na leitura, são envolvidos o texto, sua forma e o conteúdo; quanto ao leitor, devem ser consideradas suas expectativas e conhecimentos prévios, visto que, juntando suas experiências prévias e fazendo previsão de inferência contínua, pode aceitar ou rejeitar, criticar as informações fornecidas pelo texto, tendo competência para julgar se a leitura feita é de boa qualidade ou não (SOLÉ, 1998).

Solé (1998) relata que, ao lermos, fazemos um esforço cognitivo durante a leitura, para que possamos atribuir um significado ao que está escrito, utilizando nossos conhecimentos prévios para uma compreensão do que estamos lendo. Se nos deparamos com algum obstáculo durante a leitura, geralmente, a leitura se interrompe e nos dedicamos a desfazer esse obstáculo, procurando algum outro meio para compreendermos o que o autor quis dizer. Lemos o tempo todo, na sociedade em que estamos inseridos, os meios de comunicação, transporte, informações que recebemos exigem muito o letramento do indivíduo. Porém, adquirir a aprendizagem necessária para o exercício da cidadania não é apenas decifrar o código, mas levar esse conhecimento para a vida toda, conforme a necessidade.

Solé (1998) salienta que a leitura é uma interação entre o leitor e o texto, e o objetivo guia cada leitura. Tal afirmação é amparada por Alliende e Condemarín (2005), ao reforçarem que essa prática proporciona ao leitor a liberdade de escolher tempo, lugar, modalidade que julgue conveniente, mediante suas necessidades pessoais, lendo no seu próprio ritmo, sendo que, nos outros meios de comunicação, como rádio e televisão, a variedade de programas é limitada e imposta.

A leitura nos proporciona um aprofundamento mais detalhado sobre os fatos, seja notícias, cultura, política, economia, apresentando-nos esclarecimentos sobre os quais possamos refletir, criticar, concordar ou discordar diante das ideias do autor. Para Alliende e Condemarín (2005, p. 13), “a leitura é a única atividade que constitui, ao mesmo tempo, disciplina de ensino e instrumento para manejo das outras fases do currículo”.

Uma das maiores metas da Educação Básica era “aprender a ler”; hoje, “ler para aprender”. Isso nos permite inferir que o aprendizado do código significativo para a criança é de grande importância, mas a leitura é utilizada como instrumento para a aquisição dos outros setores do programa de estudo (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

À medida que lemos, aprendemos e damos significado ao nosso aprendizado, ou seja, quanto mais lermos, mais opções teremos, a fim de escolhermos qual caminho devemos seguir para continuar nossos estudos, por exemplo. Conforme afirmam Alliende e Condemarín (2005), a habilidade em leitura está relacionada às demais áreas de desenvolvimento e conhecimento, sendo que o leitor que lê mal apresenta uma má ortografia, não se apropria de um vasto vocabulário e vive restrito a palavras que circundam o senso comum.

A leitura estrutura o indivíduo para uma melhor ortografia, uma vez que esse, quando pratica o hábito da leitura, está mergulhado em um universo diversificado de palavras, podendo, quando não compreende uma palavra, procurar seu significado em um dicionário, obtendo, assim, o aprendizado diversificado em seu repertório. Por isso, argumentam que:

A leitura é um fator determinante para o fracasso ou êxito escolar. Nos primeiros anos, o ensino do código absorve um tempo importante dos professores, para introduzir estratégias baseadas na imersão de seus alunos na linguagem escrita, os professores observam a alegria e o incremento da autoestima que seus alunos, expressam quando descobrem que podem “decifrar”, sendo um meio de comunicação e expressão importante para seu desempenho presente e futuro (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p.13).

Os autores afirmam que, geralmente, a leitura, especialmente a de livros, oferece uma sequência articulada de informações do começo ao fim, assim sendo, apresenta uma informação mais profunda, sobre determinado assunto, informação que só ela pode ofertar. Por isso, Allende e Condemarín (2005, p. 13) sustentam a tese de que a leitura:

[...], por ser manejável, permite ao indivíduo ser crítico diante da informação recebida”, visto que os meios de comunicação — rádio e televisão, por exemplo — apresentam as informações de uma maneira superficial ou até mesmo “grosseira”, uma vez que atende a todo tipo de público, nesse caso, a leitura apresenta uma informação mais detalhada para quem dela faz uso.

A escrita e a leitura contribuem para a ampliação da memória humana, ou seja, a informação expandiu graças às possibilidades proporcionadas pelas tecnologias, que permitiram produzir e reproduzir textos variados, como científicos, históricos, biográficos, legais ou explicativos, literários. A leitura, a escrita e a tecnologia são maneiras de registros dos acontecimentos presentes, para que estes sejam estudados pesquisados ou mesmo lidos no futuro, ficando guardados por tempo indeterminado, conforme seu estado de armazenamento e conservação (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

Um bom leitor, provido de bons livros, pode modificar crenças, preconceitos, opiniões e pontos de vista por meio da leitura de crônicas, entrevistas, colunas de opiniões, sendo capaz de analisar posicionamentos e questionar aquilo que,

porventura, esteja prejudicando a sociedade, possibilitando a criação de ideias, para tentar solucionar tal fato. Conseqüentemente, o hábito pela leitura tende a formar pessoas abertas ao mundo, que pensam no futuro, sendo capazes de avaliar, valorizar e aceitar os princípios tecnológicos e científicos, visto que apenas indivíduos pertencentes a um mundo aberto ao novo podem estar aptas para usar conhecimentos úteis à sua própria vida, adaptar-se às mudanças sociais e culturais, desenvolvendo suas possibilidades de progresso e bem-estar.

Complementando, os autores ressaltam que ler também é uma fonte de diversão, pois as piadas, anedotas, artigos humorísticos, proporciona esse entretenimento, além das informações. Já nas leituras literárias, a função poética centra na própria mensagem, fazendo do texto uma obra de arte. Nisso, é possível dizer que a leitura também é uma maneira de se divertir, de lazer e prazer, pois a variedade de gêneros proporciona que a leitura faça parte de nossas vidas a todo tempo. Assim, a leitura deve deixar de ser aplicada como uma habilidade mecânica e passar a ser aplicada como uma habilidade importante de aspectos da vida pessoal e rede relação (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

Segundo Marcushi (2008), é essencial que os alunos sejam capazes de fazer inferências, deduções que o leitor utiliza para compreender um texto sobre algo que não esteja explícito, constituindo-se como importante estratégia, a qual precisa ser treinada. Para nos tornarmos um leitor proficiente, são necessárias diversificadas estratégias de leitura. Começamos pelas hipóteses, quando lemos um determinado texto e, ao encontrarmos algo que não compreendemos, podemos reler o texto e, até mesmo, pesquisar o significado da palavra-chave para um melhor esclarecimento. Iniciamos pelas hipóteses e, pouco a pouco, acrescentamos novas maneiras de investigação, de acordo com a necessidade ou dificuldade encontrada no momento da leitura, construindo, assim, estratégias de leitura.

Conforme salienta Marcushi (2008), a compreensão exige uma inserção do indivíduo ao mundo e sua maneira de agir sobre ele, compreender não é algo simples, até mesmo porque cada pessoa compreende de uma maneira diferente, de acordo com o conhecimento que possui sobre determinado assunto.

Nesse sentido, a leitura entra no ritmo e na necessidade de seu leitor, exigindo mais ou menos de sua compreensão de acordo com o interesse do momento. A leitura como produção de sentidos é a que leva em consideração os

conhecimentos do leitor para uma maior, ou menor intensidade, durabilidade, qualidade (KOCH; ELIAS, 2008).

Segundo Koch e Elias (2008, p. 19):

São os objetivos do leitor que nortearão o modo da leitura, com mais tempo ou menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção, com maior interação ou com menor interação, enfim.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 2001, p. 55), “por conta desta concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler”. Portanto, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, encontramos algumas estratégias para explorar a leitura, com o propósito de formação de leitores proficientes, ou seja, os que são capazes de ler e compreender, podendo criticar, concordar ou não com as ideias que o autor deseja emitir para seus leitores.

À vista disso, Neves (2014) reconhece que, embora haja diferentes concepções acerca da leitura — mediante os contextos históricos, socioculturais, políticos e dependendo da perspectiva que os autores e/ou estudiosos adotam —, tal prática se consolida quando há a entrega do leitor ao texto, quando o leitor torna-se capaz de manter um diálogo com o texto e com o autor. Desse modo, leitura é prática, visto que exige uma sequência de ações mentais planejadas. Todavia, a pesquisadora afirma que, concernente à prática de leitura, no cotidiano escolar, muitos professores seguem linhas distintas e utilizam recursos variados para ministrarem suas aulas, entretanto, às vezes, os alunos leem o que o professor pede, não porque gostam de ler ou escolhem determinado gênero para ler, mas por obrigação.

Percebemos, pois, que a leitura pode ser visualizada de diversas formas: como ato, hábito ou prática, dependendo do valor que se atribui a ela. De qualquer maneira, ela é essencial para a formação do indivíduo.

1.1 O papel do professor na formação do leitor

É essencial que o professor, como mediador do conhecimento, desenvolva habilidades positivas de leitura na criança, para que ela crie o hábito e adquira o gosto pela leitura na fase inicial da alfabetização.

Segundo Lerner (2002, p. 95), “A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças ainda não leem eficazmente por si mesmas”. Sendo assim, a postura do professor, o entusiasmo diante do ato da leitura, a qualidade do material a ser utilizado e sua diversidade contribuem para o aprendizado e desenvolvimento da criança perante a leitura.

Quando o aluno já possui o hábito de leitura, o professor só tem de ampliar o seu repertório de conhecimento; quando não o tem, cabe ao docente o papel de estimulá-lo e propiciar esse contato de diferentes formas. Conforme elucida Lerner (2002, p.99):

Quando o professor atua como leitor na sala de aula o faz em função de um objetivo didático: comunicar a seus alunos aspectos fundamentais do comportamento leitor, da natureza da língua escrita, das características específicas de cada gênero do escrito.

De acordo com Lerner (2002), é fundamental que o educador, quando for atuar em sala de aula, ao contar ou ler uma história, mantenha uma postura ética, firme, use uma entonação de voz de acordo com os personagens, sem gaguejar, falar em tom alto, sem assustar os alunos, passando segurança, tendo domínio do que está falando, narrar instigando ou despertando a curiosidade deles. Quanto ao desfecho da história, fazer perguntas, levantando hipóteses sobre o que irá acontecer, fazer pausas, suspense. O docente deve transformar-se num contador de histórias, convidando e transportando os alunos para um mundo mágico, proporcionando ao educando o aprendizado da arte de viver a realidade e a fantasia. O professor, um ator no papel de leitor, tem de conhecer e usar a didática, levando para a sala de aula textos atuais, que fazem parte da realidade do aluno, para que se identifique com eles, possibilitando-lhe novos entendimentos, ajudando-o na construção de seus conhecimentos e da sua personalidade.

Para Lerner (2002), é lendo para a sala textos que considera importantes, belos, úteis, que vai despertar nas crianças o valor da leitura. No âmbito escolar, cabe ao docente a tarefa de exercitar com os alunos o hábito da leitura, fazendo da sala um ambiente alfabetizador, criando um “clima leitor” propício para, assim, poder ser desfrutado.

Na observação de García Márquez:

[...] fazer da escola um âmbito propício para a leitura é abrir para todos as portas dos mundos possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para chegar a ser cidadãos da cultura escrita [...] (MÁRQUEZ, G, 1983; *apud* Lerner, 2002, p. 75).

A leitura permite à criança descobrir um mundo novo à sua volta, no qual ela pode ser protagonista, já que instiga a imaginação. Por meio das histórias, o professor pode ajudar o aluno a construir sua identidade, resolver problemas, sanar dúvidas, compreender ou modificar valores. Segundo Lerner (2002, p. 96),

[...] ao contar uma história, é necessário criar um clima propício para desfrutar dele: propõe as crianças que sentem ao seu redor para que todas possam ver as imagens e o texto se assim o desejam; lê tentando criar emoção, intriga suspense ou diversão [...].

Lerner (2002) sugere que, ao contar ou ler uma história, o professor deve fazer com que esse momento seja prazeroso para os alunos e, de uma maneira criativa, oferecer um ambiente de aprendizagem, aconchego, intimidade, que favoreça o envolvimento deles com tal atividade, a fim de que vivenciem as emoções da história. Ademais, é interessante propor que os educandos sentem-se em círculo, para que todos possam ver nitidamente as imagens ou o texto. É salutar que os alunos embarquem na viagem proposta pela história, pois, só assim, a história será lembrada, para, posteriormente, ser recontada. O educador não deve ler a história de modo que isso se torne cansativo. Ao final da história, é importante instigar o relato, ouvir o que cada um tem a falar a respeito do que foi contado, o que acrescentou em suas vidas, possibilitando aos alunos buscar novos caminhos e construir novos valores.

Para a pesquisadora Lerner (2002), depois da leitura, o professor deve dialogar com os alunos sobre o desfecho da história, e questionar-lhes sobre o que mais lhes chamou a atenção, quem são os personagens favoritos deles, se gostaram do texto e por que, propondo aos alunos que levem para casa algum dos livros que acharem interessante e, na semana seguinte, possam compartilhá-lo com os colegas.

García Márquez salienta que:

O tratamento da leitura que costuma ser feito na escola é perigoso, porque corre o risco de “assustar as crianças”, quer dizer, de distanciá-las da leitura, em vez de aproximá-las dela [...] (MÁRQUEZ, G., 1983; *apud* Lerner, 2002, p. 75)

Nesse período de despertar para o hábito de ler, tal processo deve ocorrer de maneira espontânea, e não de modo obrigatório, sem sentido e nenhum tipo de emoção. Quando obrigatória e destituída de sentido, conforme explica Lerner (2002), a leitura se torna cansativa, complexa, desmotivando os alunos, os quais não a enxergam como importante.

Somando-se a isso, Allende e Condemarín (2005) explicam que é na leitura oral (nas séries iniciais) que o professor pode avaliar a aprendizagem e a comunicação do aluno, permitindo ao professor avaliar as habilidades dos alunos, seu domínio quanto à análise fônica e estrutural das palavras, a fala da criança, já que proporciona as habilidades comunicativas ao ler em público. Ao ouvir sua própria voz, a criança absorve mais a informação; quanto aos outros alunos, proporciona-lhes a escuta e a compreensão, pois, para os alunos com dificuldade, os elementos de entonação facilitam sua compreensão.

O professor deve ser cauteloso para não fazer da leitura uma prática excessiva, vista como uma atividade tediosa. Se por muito tempo as crianças leem em voz alta e as outras ouvem em silêncio, o professor não deve corrigir os erros da criança perante os outros alunos, para não constrangê-la (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

A leitura silenciosa é importante também, pois, ao ler em silêncio, o leitor consegue ler mais rápido; por não enfrentar as exigências da leitura oral, permite ao leitor que leia no ritmo de sua compreensão, necessitando reler quando não compreende seu significado. A leitura silenciosa e a compreensão facilitam o ensino e o aprendizado nas demais disciplinas (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

1.2 O papel da família e da escola no desenvolvimento do leitor

Todos aqueles que fazem parte da instituição escolar devem comprometer-se com a formação e o desenvolvimento do leitor, dando-lhe bons exemplos e incentivando-o a ler em diferentes momentos. A escola deve abrir caminhos para que todos os alunos tenham valiosas oportunidades de leitura. Nesse sentido, Lerner (2002, p. 73) afirma que:

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita [...].

Segundo Alliende e Condemarín (2005), os pais devem incentivar a leitura, lendo história para os filhos e pedindo que eles também leiam textos em voz alta. Sempre que possível, devem oportunizar um contato mais íntimo com os diferentes suportes textuais. Sabemos que a maioria dos bons leitores provém de lares que faz uso de livros, revistas, jornais, e que materiais impressos ou eletrônicos fazem parte de seu cotidiano.

Para Solé (1998), é importante que os alunos aprendam a ler corretamente, a fim de que se tornem cidadãos autônomos, contudo essa tarefa não deixa de ser um desafio lançado para a escola. Por isso, há a necessidade de, no decorrer do Ensino Fundamental, serem dedicadas várias horas por semana à aprendizagem de leitura, a projetos que visem ao trabalho sistematizado com a leitura e a boas aulas de biblioteca.

A pesquisadora ainda salienta que as intervenções feitas pelos professores com estratégias de compreensão, esclarecimento de dúvidas, inferências, explorando ao máximo a leitura, propiciam a aprendizagem do aluno (SOLÉ, 1998).

Kato (1985) explica que, para um método ser eficiente, o professor deve conhecer bem as hipóteses que irá aplicar sobre o que será aprendido; algumas escolas acreditam que, ao ensinarem o aluno escrever, sequencialmente aprenderá a ler, mas isso nem sempre ocorre.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), encontramos informações sobre o papel que a escola assume no que tange à leitura, posto que a maioria dos alunos não vive em ambientes nos quais a prática de leitura é realizada de forma indispensável. Por isso, a leitura na escola deve fazer sentido para o aluno, ou seja, deve ser uma resposta ao seu aprendizado, isto é, a escola deve trabalhar com

diversos tipos de leitura, oferecendo materiais de qualidade aos educandos, para que se tornem leitores proficientes (BRASIL, 2001).

Seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), a escola, como responsável na formação de leitores competentes, deve realizar a leitura e fazer com que ela seja algo interessante e desafiador, propondo condições para a criança participar da leitura, a fim de que se envolva com os materiais impressos, mesmo que ainda não saiba ler.

Continuando sobre o assunto, a autora Lerner (2002) afirma que é um desafio para a escola que seus alunos saiam dela com plena competência em leitura e escrita. Sendo assim, para que ocorra um resultado positivo, é necessário conscientizá-los de que ler e escrever significam a oportunidade de o indivíduo pensar e repensar sobre o mundo, organizar seu próprio modo de pensar e, por meio dele, modificar sua história e de uma sociedade.

Para a pesquisadora Lerner (2002), a escola possui a função de controlar e avaliar a aprendizagem de seus alunos, conciliando tanto as necessidades intrínsecas da instituição como oferecendo as condições de atender à demanda dos estudantes (nesse caso, relativa às prioridades quanto à leitura e à escrita).

Solé (1998) explica que o problema da aprendizagem em leitura não está somente focado no método, mas como essa prática é vista pela equipe pedagógica, pelos professores, de que modo se trabalha para alcançá-la e quais as propostas apresentadas para ensiná-la. Nesse sentido, reforça que o aprendizado da leitura e escrita é objetivo prioritário da educação fundamental e espera-se que os alunos consigam ler textos, utilizar estratégias de compreensão e inferências para a realização da leitura proposta para essa etapa de uma forma autônoma (SOLÉ, 1998).

Foucambert (1994, p. 28) afirma que “a leitura é uma preocupação tanto da escola e dos pais quanto da formação de adultos e da política cultural”, sendo necessária uma política voltada para o aprendizado em leitura, a qual atenda às necessidades individuais e sociais nesse tempo, assim como as exigências de alfabetização satisfizeram as exigências dos últimos anos.

1.3 Alfabetização e letramento

A alfabetização é a chave que nos permite entrar no universo da leitura e escrita; alfabetizar não é uma tarefa simples, é um processo complexo, contínuo, que necessita de planejamento, comprometimento, dedicação, organização, persistência. Soares (2001, p. 47) define esses dois termos como:

Alfabetização: ação de ensinar aprender a ler e a escrever.

Letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Como se pode observar, a alfabetização e o letramento são dois termos fundamentais que caminham juntos, no processo de ensino e aprendizagem da criança.

De acordo com Soares (2001, p. 35), “a palavra letramento surgiu nos anos 80, sendo uma tradução da palavra inglesa *literacy*, que significa condição de ser letrado. Conforme a autora, há algumas décadas, era considerado analfabeto aquele que não conseguia escrever o próprio nome, mas, hoje, considera-se analfabeto o indivíduo que não consegue ler e escrever um bilhete simples. Diante disso, o analfabeto não é somente um ser marginalizado pela sociedade, e sim, excluído por ela. Sem direito de participação, torna-se um ser passivo perante a sociedade, perdendo seu direito de opinar, de contribuir, interagir, porque ele é rotulado, muitas vezes, de incapaz, por não ter acesso ao conhecimento que a prática da leitura e da escrita pode proporcionar-lhe.

Soares (2001) esclarece que o indivíduo pode ser analfabeto, porém, se convive com pessoas que fazem uso da leitura em contextos sociais e se apropria dessas práticas, sendo capaz de, por exemplo, compreender placas, anúncios, comparando preços, sabendo se localizar em ruas e avenidas, pode ser considerado letrado.

Uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada: sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas, ou não é capaz de interpretar um texto lido: tem dificuldades para escrever uma carta, até telegrama — é alfabetizada, mas não letrada (SOARES, 2001, p. 47).

Já para as autoras Santos e Mendonça (2007), embora a escola seja responsável para ensinar as habilidades de letramento, nem sempre os alunos saem

dela com domínio suficiente para colocá-las em prática na sua vida cotidiana, levando consigo apenas o aprendizado de codificar e decodificar. Elas relatam que, para o início de uma alfabetização significativa, deve-se apresentar variados gêneros textuais para as crianças, utilizando o conhecimento prévio do seu vocabulário, introduzindo gêneros novos relacionados aos que elas já fazem uso, pois a prática do letramento pressupõe o uso de diversos gêneros que circulam o tempo todo na nossa sociedade.

Na visão de Santos e Mendonça (2001, p. 98):

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético.

Nesse sentido, explicam que o professor deve ser o mediador entre o texto e o aluno, e não adianta apenas ler um determinado gênero e explicar para a criança que tipo de gênero é aquele, nem esperar a criança aprender a ler e escrever e, depois, tratar da compreensão de texto. É preciso, desde o início da alfabetização, apresentar diferentes textos à criança, para que ela aprenda a testar suas hipóteses, tanto da escrita quanto da leitura (SANTOS; MENDONÇA, 2001).

Segundo Santos e Mendonça (2001), os livros didáticos devem ser bem escolhidos, por fazerem parte da vida escolar dos alunos — sendo a leitura um eixo importante para as práticas do letramento —, podendo ser o único material pedagógico disponível para os professores.

Contudo, conforme explana Soares (2001), o trabalho para o desenvolvimento do letramento na escola não é algo muito simples, visto que envolve questões sociais. É preciso que a aula não termine quando a escola fecha as portas, necessário que os alunos e professores tenham acesso a livrarias, bibliotecas, leiam jornais, revistas, obras de qualidade, e isso demanda tempo e custo.

[...] Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2001, p. 47).

Nos dia de hoje, saber ler e escrever de forma mecânica tem sido considerado insuficiente para responder adequadamente às exigências da sociedade, e não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes gêneros de textos que circulam na sociedade. Foucambert (1994, p. 135) declara que:

Tornar-se leitor significa ter acesso aos escritos sociais, sabendo encontrá-los onde eles estão. Significa ser usuário dos equipamentos coletivos. O leitor não é aquele que lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que cria seus próprios meios de escolher os livros que irá ler, que pratica uma atividade “metaléxica” nas colunas dos jornais, na livraria, na biblioteca; é aquele que conhece os meios para encontrar e diversificar os textos ligados aos seus interesses.

Foucambert (1994) explica que a formação de leitores passa por mediação de vários profissionais, sejam eles monitores, docentes, pais, bibliotecários e, para essas pessoas, é necessária uma prática em leitura, a fim de transmitirem esse incentivo para seus filhos e/ ou alunos.

Complementando, o autor citado questiona por que tantas pessoas são alfabetizadas e não são letradas. Para ele, isso ocorre devido à exclusão das redes de impressos que circulam, visto que nem todos têm acesso a materiais de leitura suficientes para se tornarem letrados, nem condições adequadas e, uma vez excluído, o indivíduo pode se tornar alfabetizado iletrado ou até mesmo analfabeto.

Foucambert (1994) assevera que, para que a criança aprenda a ler, é necessário todo o apoio na utilização de textos, não simplificando os textos para adaptá-los à criança, e, sim, mas fazendo intervenções, mobilizando ações, para que a criança reduza o seu desconhecimento e passe, aos poucos, a conhecer e abstrair o significado do texto lido, incorporando a leitura à sua vida. Mas, não é apenas o método que o professor escolhe para realizar o aprendizado em leitura, a escola toda deve participar desde a organização e do conjunto de políticas que a equipe pedagógica decide, criando possibilidades para alcançar o resultado esperado diante do aprendizado da criança, sendo uma responsabilidade coletiva.

1.4 Analfabetismo funcional

De acordo com Solé (1998, p. 33), são consideradas analfabetas funcionais “as pessoas que, apesar de terem frequentado a escola e tendo “aprendido” a ler e a escrever, não podem utilizar de forma autônoma a leitura e a escrita nas relações sociais ordinárias.” Para ela, constitui uma desvantagem para os indivíduos que não adquiriram esse conhecimento, sendo a leitura uma ferramenta para qualquer pessoa conquistar seu espaço na sociedade letrada da qual faz parte.

Prosseguindo, a autora declara que as estatísticas nos mostram uma realidade brasileira que faz pouco uso da leitura, o que pode ser comprovado pela quantidade de livros e jornais vendidos; a população não faz uso suficiente desses suportes e fica o questionamento: “será que as práticas educativas e métodos utilizados na escola contribuem para o não interesse das pessoas diante da leitura, ou a posição que a leitura ocupa dentro do currículo escolar será de tamanha importância?” (SOLÉ, 1998, p. 33).

Kleiman (1992) relata que a má formação de professores diante do aspecto da leitura e um material escrito de qualidade inferior que as crianças manuseiam dentro e fora da escola contribuem de forma negativa para a construção do hábito em leitura.

Alliende e Condemarín (2005) reforçam, explicando que a leitura tem um papel social na vida dos indivíduos e, quando as pessoas fazem pouco uso da leitura, isso reflete na vida pessoal e profissional, tanto que, nas culturas orais, em que do que se faz uso são as falas para os processos de pensamentos e a transmissão de informações através da conversa recebida, na escrita, essa fala pode conhecer melhor sobre as informações e outros vocabulários.

Cadorio (2001, p. 37-38) completa, dizendo que:

um analfabeto funcional nos dias de hoje é um perdedor de uma cultura que cada vez mais implica a leitura. É necessário ler para realizar tarefas escolares, para preencher um formulário, para ver televisão, para ler o jornal, para consultar uma lista telefônica, para se manter atualizado, para usar o computador, para tão simplesmente ler um bilhete que se recebeu ou circular num grande edifício [...].

Estar alfabetizado não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso saber fazer uso da leitura e escrita com precisão, para responder às exigências que a sociedade faz em diferentes contextos. Lerner (2002, p. 29) alega que:

o desafio que devemos enfrentar, nós que estamos comprometidos com a instituição escolar, é combater a discriminação desde o interior da escolar, é unir nossos esforços para alfabetizar todos os alunos, para assegurar que todos tenham oportunidades de se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de processo cognitivo e de crescimento pessoal.

Nesse sentido, é inquestionável a importância da leitura e da escrita nas instituições escolares, entretanto cabe à escola protagonizar ações que estimulem esse hábito, a fim de que forme alunos críticos, participativos, autônomos e, conseqüentemente, exerçam plenamente sua própria cidadania (LERNER, 2002).

Para Cadório (2001), o mundo está cada vez mais globalizado e, por conseguinte, bombardeado de informações por todos os lados, sendo a leitura indispensável para o desenvolvimento do indivíduo, para que tenha condições de ser útil na sociedade assaz exigente. Cabe, assim, à instituição de ensino, trabalhar de maneira articulada, disponibilizando aos professores materiais adequados, que auxiliem no desenvolvimento dos educandos, a fim de combater as desigualdades, proporcionando a todos acesso às novas tecnologias.

De acordo com Lerner (2002, p. 30), “aprende-se a ler, lendo e aprende-se a escrever, escrevendo”, “são lemas educativos que expressaram o propósito de instalar as práticas de leitura e escrita como objeto de ensino”. Quanto mais uma criança ler, mais ela aumentará o seu repertório de palavras e, conseqüentemente, terá mais facilidade ao escrever.

O leitor proficiente é capaz de utilizar todos os recursos explícitos e implícitos no texto para construir sua compreensão diante de qualquer texto (KLEIMAN, 1992).

Para a autora Kato (1985), o leitor proficiente é aquele que sabe fazer uso da leitura e da escrita com autonomia, propriedade, consegue decifrar os códigos e interpretar o texto com suas informações implícitas. Quando ele se depara com algum tipo de texto escrito de forma ilegível, consegue ler normalmente, porque ele sabe decifrar os códigos, interpretar, fazer uso dessas competências no seu dia a dia.

Segundo Foucambert (1994), analfabetismo diz respeito a quem não utiliza as técnicas da escrita e o iletrismo é a falta de convivência com todos os modos relacionados à escrita. Completa, afirmando que o analfabetismo ocorre quando uma pessoa não compreende nem produz nenhum tipo de escrita (por mais simples que ela seja) e não teve acesso à escolarização, sendo consideradas analfabetas funcionais as pessoas que frequentaram a escola, que dominavam as técnicas de escrita e leitura, porém, por não fazerem uso dessas práticas no seu dia a dia, perderam seu domínio. Já o iletrismo é o afastamento do indivíduo dos meios de comunicação escrita, é uma exclusão, uma responsabilidade social e individual e está ligada à desigualdade de bens sociais.

As causas do iletrismo, para Foucambert (1994), estão relacionadas à preocupação do poder, ou seja, a leitura e a escrita de qualidade possibilitam ao indivíduo seu crescimento pessoal e profissional, contudo esse acesso não é para todos, uma parcela significativa é dominada pela classe dominante, que se utiliza das informações para continuar no poder. Desse modo, não é interessante a essa classe que a população tenha acesso à leitura e à escrita, pois isso representaria a formação de indivíduos mais questionadores, cidadãos mais críticos e, certamente, menos passivos.

O indivíduo que não faz uso da leitura não sabe que as respostas para suas perguntas possam estar nas diversidades da escrita. Cabe à escola possibilitar a formação de leitores que utilizem a leitura em benefício pessoal, de modo a melhorar a própria vida, tendo competência de intervir na sociedade da qual façam parte (FOUCAMBERT, 1998).

2. DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Conforme Freire (1989), a primeira leitura é a leitura de mundo, por meio da qual lemos os símbolos, as imagens e o ambiente em que estamos inseridos, mesmo antes de lermos as palavras.

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia — e até onde não sou traído pela memória —, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (FREIRE, 1989, p.12).

Pelo exposto, verificamos que a infância é uma etapa do desenvolvimento humano pela qual se constrói parte do conhecimento de mundo e que, por meio das experiências com o outro e das vivências construídas, o indivíduo se desenvolve.

De acordo com o Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.17):

Desde o nascimento, as crianças se orientam prioritariamente para o outro, inicialmente para os adultos próximos, que lhes garantem a sobrevivência, propiciando sua alimentação, higiene, descanso, etc. O bebê nasce e cresce, pois, em íntimo contato com o outro, o que lhe possibilita o acesso ao mundo.

É premente a responsabilidade do adulto próximo à criança: o cuidar e educar para a vida em sociedade, e cabe à sociedade e à escola acolherem essa criança, contribuindo para a sua formação como cidadão de direitos e deveres [...] “para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece” (BRASIL, 1998, p. 21).

Durante a infância, a valorização das atividades lúdicas no ambiente escolar e fora dele é essencial para o desenvolvimento e o conhecimento da criança. Por isso, o documento supramencionado assegura que “Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação” (BRASIL, 1998, p. 2).

Nesse sentido, quando o professor conta uma história, estabelece uma comunicação visual com as crianças por meio dos gestos, expressão do rosto, entonação da voz, facilitando, dessa maneira, a compreensão dos alunos em

relação à história. Essa é uma maneira de estimular a criança a se interessar pelos contos e, através deles, continuar seu hábito pela leitura.

Segundo Allende e Condemarín (2005, p. 43):

É importante proporcionar diariamente às crianças experiências positivas que envolvam contos de fadas e outros tipos de literatura [...]. A leitura de livros de contos é, além disso, um meio efetivo para entender histórias.

Quando se lê uma história, o professor estabelece uma relação emotiva, as crianças percebem que a palavra escrita tem significados e passam a conhecer palavras novas, enriquecendo seu vocabulário, o manejo do livro e das páginas, diferentes formas de letras e palavras. Isso porque a maneira como o adulto se expressa apresenta como modelo para as crianças, que se tornarão futuros leitores.

Conforme explicam os autores já mencionados:

Assim, comentar os contos durante ou depois das leituras constitui uma estratégia interativa que ajuda as crianças a construírem significados e a entenderem as histórias que são lidas (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 43).

O estímulo pela leitura desde a Educação Infantil desperta nas crianças o prazer e o hábito de ler. Para Allende e Condemarín (2005), uma atividade interessante que se deve fazer com as crianças é o brincar de ler, mesmo que elas ainda não decodifiquem as palavras, mas já é um grande estímulo para o início da leitura. Geralmente, repetem as rimas, canções de roda e os gêneros que pertencem à tradição oral de meninos e meninas, assim como ritmos e sequências, sendo o brincar de ler uma porta de entrada para o mundo da leitura, através de uma maneira divertida e, ao mesmo tempo, enriquecedora para o desenvolvimento oral da criança (ALLIENDE; CONDEMRÍN, 2005).

Solé (1998) complementa, dizendo que, para ser um leitor ativo, a criança deve ser um escutador ativo, não é necessário saber ler para participar da contação de histórias e fazer previsões, mas pedir para que elas pensem ao longo da leitura. A participação da criança durante ou depois da história faz com que ela preste atenção, ao ouvir e recontar o que entendeu, ajudando-a a compreender melhor a história e a entender as próximas que irá ouvir. Segundo a pesquisadora, é nas etapas iniciais da leitura que as crianças são estimuladas a decifrar o código. Devido

a isso, os alunos dominam de forma incipiente a decodificação dos códigos na primeira série do Ensino Fundamental. Para a autora, a decifração dos códigos é estimulada desde a Educação Infantil, com o amadurecimento da criança com tais atividades de decifração, o que contribui para a leitura (SOLÉ, 1998).

Quando a criança presencia um adulto — seus pais ou responsáveis e até mesmo na Escola Infantil — lendo histórias, elaborando uma lista de compras, ou leva um bilhete da escola para casa, logo percebe que o escrito transmite uma mensagem, então, é construído, no subconsciente da criança, que, nos livros, jornais, papéis, anúncios, nos rótulos, a escrita diz alguma coisa e é essa curiosidade que desperta a necessidade de decifrar os códigos (SOLÉ, 1998).

Alliende e Condemarín (2005) asseveram que as famílias que fazem uso da leitura em casa com o manejo de jornais, revistas, dicionários, bilhetes e adquirem livros, a fim de que seus filhos mantenham contato com a diversidade de suportes textuais, colaboram para a formação do hábito pela leitura. Para esses autores, esse hábito continua na escola, quando já vem de uma família letrada, caso contrário, essa responsabilidade fica somente para a escola.

3. ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Solé (1998) explica que as estratégias são procedimentos que utilizamos para alcançarmos a meta a que nos propomos, pois envolve autodireção, um objetivo a ser alcançado. Para tanto, é necessário o autocontrole, a supervisão e a avaliação do próprio comportamento, em função dos objetivos que guiam o leitor e da possibilidade de modificá-lo em caso de necessidade.

Sob essa perspectiva, torna-se necessário, respaldada pela pesquisadora acima citada, discorrermos sobre as estratégias de leitura, estratégias para os professores trabalharem na sala de aula com seus alunos, sendo os procedimentos para estratégias de leitura conteúdos de ensino, estratégias para compreender textos e a construção de uma aprendizagem significativa, desenvolvendo competências para bons leitores.

Complementando, Kleiman (1992) salienta que o professor deve desenvolver estratégias de leitura eficientes para os alunos, definindo-lhes tarefas cada vez mais complexas, mas de possível resolução, desde que os educandos tenham orientação de um adulto, de um colega mais proficiente e, aos poucos, o professor vai retirando os suportes, então, a criança redefine as tarefas para si própria, consolidando-se a aprendizagem de estratégias de leitura.

Desse modo, a autora classifica as estratégias de leitura em: cognitivas e metacognitivas. As primeiras encontram-se no nível inconsciente, isto é, são ativadas sem que o leitor se dê conta disso. Já as metacognitivas ocorrem quando o leitor tem controle consciente da leitura que realiza, ou seja, sabe dizer para que está lendo um texto e, quando não está entendendo a leitura, recorre a procedimentos pessoais e flexíveis para alcançar a compreensão. Por isso, elas propiciam que o leitor faça ajustes na leitura, posto que a metacognição permite que o leitor reflita sobre seus próprios conhecimentos, ative os conhecimentos que possui e os correlacione aos textos com os quais mantiver contato, com os textos e/ou obras que lhes forem apresentados (KLEIMAN, 1992).

Conforme reitera Kleiman (1992), deve o professor aplicar atividades e mediá-las de acordo com a necessidade de cada aluno, pois a complexidade faz parte da

aprendizagem. Porém, o professor deve observar e deixar o aluno caminhar, usando as estratégias para seu aprendizado significativo.

Neves (2014) pondera que as estratégias de leitura são ferramentas necessárias à formação do leitor competente, entretanto existem as especificidades dos alunos, isto é, cada um possui um ritmo de aprendizagem. Além disso, os discentes se apropriam desses procedimentos e, automaticamente, utilizam-nos no momento em que leem. Assim, não há apenas um caminho para ser trilhado no que se refere ao trabalho com tais estratégias, posto que:

As estratégias não são usadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas, portanto sabemos que, embora esses procedimentos, os quais envolvem o cognitivo e o metacognitivo, sejam ensinados de forma global, durante as diferentes situações que permeiam a leitura, cada aluno construirá as próprias estratégias para realizar suas leituras (NEVES, 2014, p.111).

Solé (1998) apregoa que é necessário ensinar estratégias de compreensão para a formação de leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos mais complexos, como os mais criativos e também os que são mal escritos, pois quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, questionar seu conhecimento e transferir o que foi aprendido para contextos diferentes. Por isso, é primordial a criança saber utilizar as estratégias adequadas para a compreensão de texto de acordo com sua complexidade.

Nem sempre os alunos irão encontrar textos de fácil compreensão, sendo necessário utilizar estratégias para a compreensão destes para desvendar o que o autor quer dizer, portanto, o professor deve apresentar várias estratégias para seus alunos, a fim de que eles não se vejam sem respostas diante de certos obstáculos com a leitura (SOLÉ, 1998).

Para essa conceituada estudiosa, esse processo é gradativo, uma construção que o aluno não fará de uma vez só. Nisso, o professor tem um papel importante, porque estabelece o elo entre o que o aluno pretende realizar e o que o currículo determina em certo momento, sendo chamada de participação guiada, por meio da qual o aluno faz uso de seu conhecimento prévio com a mediação do professor, para abordar uma determinada situação. Dessa maneira, a criança assume responsabilidade em seu desenvolvimento de forma progressiva até se tornar competente na aplicação autônoma do que foi aprendido (SOLÉ, 1998).

Porém, às vezes, o livro didático apresenta apenas uma forma de compreensão do texto, e a criança fica presa naquela única possibilidade de compreensão, atrapalhando o aluno a fazer inferência e criar estratégias para o seu aprendizado. É sobre isso que Kleiman (1992, p. 46) explica:

O professor deve conhecer quais são as dificuldades reais naturais no momento de aprendizagem em que se encontra a criança e quais são as dificuldades artificiais, consequência da péssima redação dos livros didáticos.

Por meio da leitura, de acordo com os estudos de Solé (1998), são despertados nas crianças a sensibilidade e o conhecimento, pois as histórias falam de amor, rejeição, medo, abandono, competição, diferenças. Com a leitura, a criança desenvolve o vocabulário, escreve melhor, desenvolve também o raciocínio e o senso crítico. Destarte, o professor deve despertar o gosto pela leitura em seus alunos. Uma boa maneira de proceder assim é explorar a literatura, a qual possui diversos elementos que cativam os alunos.

A responsabilidade da escola é grande, pois cabe a ela, junto com seus professores, oferecer um ensino de qualidade, que possibilite a criança se tornar um leitor proficiente, ou então, será mais um analfabeto funcional. Nesse sentido, Solé (1998, p. 32) enfatiza que:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

Para formar bons leitores, é preciso uma prática de leitura e condições favoráveis. Algumas dessas condições, apontadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais são:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;
- planejar as atividades diárias, garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- quando houver oportunidades de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um;
- construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

Fonte: BRASIL, 2001, p. 58.

Para Solé (1998), a avaliação apenas da compreensão do texto lido não é o suficiente; é necessário explorar mais esse texto com inferências, resumo, questionamentos, e este é o papel das estratégias: criar possibilidades para a

aprendizagem em leitura. O professor, como modelo para seus alunos, na maneira como lê o texto e faz inferências sobre ele, estimula seus alunos a gostarem da leitura como também lhes proporciona atividades, criando possibilidade de compreensão, para que os educandos, futuramente, consigam analisar, sozinhos, um texto.

No estágio inicial da leitura, o professor deve ser o mediador entre o aluno e o autor, fornecendo modelos de estratégias de leitura, fazendo perguntas, comentários, mostrando a função de um texto jornalístico, por exemplo, demonstrando, assim, o objetivo de leitura e estratégias de abordar o texto ao ler. A apresentação de vários gêneros textuais contribui para o aprendizado da criança, explicando para que serve um artigo de jornal e qual é a utilidade de cada gênero (SOLÉ, 1998).

Um fator importante e que contribui para o interesse da leitura é um material que ofereça desafios aos alunos, embora o conteúdo deva ser mais ou menos familiar ao leitor, considerando-se o conhecimento prévio dos alunos em relação ao texto e fazendo intervenções necessárias, a fim de que construam um significado adequado para o texto (SOLÉ, 1998).

De acordo com Solé (1998), é necessária para o aluno a compreensão gradativa, ou seja, quando consegue compreender determinado texto, deverá ler um mais complexo, a fim de expandir o seu conhecimento em compreensão. Conforme o leitor vai lendo, consegue aprender mais, aplica o que aprendeu em sua vida e, comprovando o resultado, vai em busca de novas leituras e aprendizados.

A autora já citada orienta que a leitura compartilhada também contribui para a formação de bons leitores, pois é um recurso imprescindível para intervir de forma possível nas necessidades dos alunos, fazendo previsões, a fim de uma possível compreensão do que está lendo, sendo um leitor ativo que constrói sua interpretação; à medida que lê o texto, exige mais esforço compreensivo do aluno do que do professor, pois o aluno regula sua compreensão. Na leitura compartilhada, o aluno pede mediação do professor caso necessário, pois ele mesmo consegue fazer compreensão do que está lendo (SOLÉ, 1998).

Solé (1998) ainda explica que, após ter aprendido a ler e fazer inferências, o aluno consegue escolher livros de sua preferência, contribuindo, assim, para sua formação como um leitor proficiente. O entusiasmo do professor diante da leitura e o material que utiliza dentro da sala de aula com seus alunos, interfere na construção

do hábito pela leitura, pois um professor que não demonstra importância à leitura não consegue criar expectativas para seus alunos, mas pode ter resultado contrário. No entanto, quando um leitor compreende o que se lê está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, ele tem a possibilidade de se aproximar do mundo de significados de um autor, formar opiniões sobre determinados aspectos. Desse modo, a leitura nos aproxima de múltiplas culturas, contribuindo, também, para a cultura do próprio leitor, mesmo quando esse lê por prazer.

Solé (1998) reforça que as estratégias para a criança ter acesso a um texto são um meio para poder interpretá-lo, porém o significado e a decodificação estão sempre presentes de acordo com as habilidades do leitor. Um leitor inicial precisa utilizar essas habilidades com mais frequência na busca do significado. Quanto mais experiência em leitura, maior a bagagem de compreensão e de conseguir o significado do texto.

Quanto mais o indivíduo lê, mais letrado se torna. A leitura inicial deve garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como um meio necessário na construção da sua aprendizagem a cada etapa. Um ambiente alfabetizador com cartazes, mostrando algumas das atividades, calendários, identificação dos materiais, como tintas, tesouras, lápis, até mesmo quando escrevem um bilhete para os pais e outros colegas, são alguns exemplos da leitura significativa, os quais incentivam a criança a ler e escrever, porque, ao vir um adulto (que seja uma referência para ela) lendo e escrevendo, terá mais interesse em fazer o mesmo e isso poderá tornar-se um hábito (SOLÉ, 1998).

Kleiman (1992) afirma que todo programa de leitura deve incentivar que o aluno vá à biblioteca e leia o que quiser, sem nenhuma cobrança, permitindo, também, que o aluno entre em contato em um universo textual amplo e diversificado. Para ela, a liberdade de escolha em um ambiente específico e diversificado de leitura proporciona aos alunos um interesse pela leitura. Os alunos não se interessam pela leitura quando ela não faz sentido, ou seja, não compreendem seu significado, principalmente quando a utilizam para realizar atividades, ou seja, são forçados a ler. A pesquisadora argumenta que uma leitura forçada desestimula os alunos, pois leem para realizar a atividade avaliativa sem a aprendizagem significativa.

Uma das barreiras a serem encontradas pelos professores para poderem ensinar a ler é a resistência do próprio aluno, pois a maioria não gosta de trabalhar

textos, porque os livros didáticos utilizam o texto como objeto para ensinar as regras gramaticais, passando a leitura, então, despercebida. Para a autora, os livros didáticos, às vezes, atrapalham a motivação, quando utilizam seus textos para atividades gramaticais e deixando o ato de ler para trás (KLEIMAN, 1992).

Ainda sobre as estratégias de leitura, Solé (1998) elucida que uma estratégia de leitura também é percebida quando o leitor identifica seus erros e as lacunas na compreensão. Quando isso acontece, ele mesmo procura meios de esclarecer suas informações; entretanto, quando isso não ocorre, é necessária a intervenção do professor. Para esclarecer essa compreensão, por exemplo, quando o aluno lê uma palavra de maneira equivocada, o professor deve pronunciá-la corretamente e induzi-lo a prestar atenção no contexto do texto, para que, o próprio aluno, possa compensar seu erro ou lacuna. É necessária a intervenção do professor quando o próprio aluno não consegue enxergar suas dificuldades de compreensão diante dos textos.

Para que um mau leitor deixe de sê-lo, o professor deve incentivar o aluno a assumir progressivamente o controle de seu próprio processo de compreensão e interpretação, usando as estratégias de leitura, como as previsões, inferências, hipótese, das quais precisam para compreender determinado texto (SOLÉ, 1998).

Portanto, conforme argumenta Solé (1998), as estratégias de leitura contribuem de forma significativa para a finalidade geral da educação, em que os alunos aprendam a aprender. Ensinar a ler é uma questão de compartilhar objetivos, tarefas com significados, deve ser abordada de acordo com cada etapa, ou seja, é um trabalho contínuo e progressivo e deve ser incluído em todos os anos do Ensino Fundamental.

CONCLUSÃO

A presente monografia visou enfatizar a importância de aprender o hábito pela leitura desde a Educação Infantil, fazendo uma prática docente baseada em estratégias, as quais levarão o leitor a compreender que o ato de ler deve ser um processo de interação entre ele e o texto e que as práticas de compreensão são necessárias para alcançar tal objetivo.

Para compreender o conceito de leitura, foi preciso recorrer a diversos autores e extrair a essência de cada um deles, selecionando a contribuição que ofertaram para a realização da nossa pesquisa. Por meio dos estudos feitos, conseguimos analisar quais os benefícios que o indivíduo que tem acesso à leitura possui e as consequências de quem dela não faz uso.

Observamos que a leitura está intimamente atrelada ao fator social: o baixo poder aquisitivo, a forma como a família considera a leitura e a maneira como a escola a pratica (utilizando como instrumento principal apenas o livro didático ou material de pouca qualidade e diversidade) repercutem, de maneira negativa, na formação do hábito de leitura.

Nesse sentido, é fundamental a participação da família com o estímulo pela leitura em seus lares. A criança que convive, desde pequena, em um ambiente letrado e tendo contado com livros, jornais e suportes textuais distintos, terá mais facilidade de continuar com esse hábito ao ingressar na instituição escolar.

Analisamos, também, a participação da escola e dos docentes como principais colaboradores na formação leitora. A responsabilidade do ato de ler está em suas mãos, cabe à equipe pedagógica priorizar a leitura na instância educativa, explicitando tal prática no currículo e proporcionando condições para os professores trabalharem a leitura de maneira apropriada.

Percebemos, no processo de nossa pesquisa, que os professores devem atentar-se quanto ao ensino de compreensão leitora, tornando-se algo significativo para seus alunos, preparando o educando para a vida em sociedade.

A utilização de estratégias de leitura pelo professor constitui uma ferramenta facilitadora no momento da leitura, por elas os leitores iniciam um processo de reflexão sobre o texto, podendo fazer indagações, hipóteses, que serão descobertas

no decorrer da leitura, a participação dos alunos contribui para o desenvolvimento individual e coletivo.

É essencial valorizar a bagagem que os alunos já possuem, visto que a troca de experiência enriquece o ambiente escolar, assim como o conhecimento de mundo, a forma como cada indivíduo elabora sua compreensão. A maneira de pensar é única, podendo ser compartilhada de modo salutar.

O conhecimento prévio deve fazer parte do momento da leitura, gêneros textuais variados devem ser utilizados e o professor deve intervir com as estratégias de leitura quando necessário, explicar e ler cada gênero com as suas características e especificidades contribui para a aprendizagem.

Constatamos, portanto, que a partir do momento em que o indivíduo organiza seu pensamento e aplica as estratégias adequadas para compreender determinado gênero, o ensino da leitura se torna eficaz.

Abordamos também sobre o letramento e que a alfabetização não é apenas o aprender a ler e escrever, mas compreender, a função dos materiais impressos que circulam na sociedade que exige cada vez mais das práticas de letramento para permanecermos nela atualizados.

Desse modo, o questionamento motivador desta pesquisa foi respondido, uma vez que verificamos que o trabalho com estratégias de leitura estimulam e incentivam o aprendizado e crescimento da compreensão leitora, podendo ser utilizado por todos os professores que pretendem almejar um resultado positivo com relação à leitura.

A leitura, por seus múltiplos propósitos, é um tema amplo e, por isso, teríamos, ainda, vários aspectos a discorrer sobre ela. Todavia, enfatizando as estratégias de leitura, foi possível aprofundar em estudos que muito nos auxiliarão na prática docente. É preciso refletir, constantemente, sobre esse assunto, a fim de proporcionar aos educandos condições de questionar, analisar, criticar e transformar seus ideais, afinal, uma sociedade melhor requer leitores proficientes.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. **A leitura teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

CADORIO, L. **O Gosto pela Leitura**. Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. A Importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2001.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KATO, M. **O Aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS, V.M. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LERNER, D. **Ler e Escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCUSHI, L. A. **Produção Textual: Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NEVES, M.S. **A legitimação de prática da leitura na escola: uma proposta pedagógica para o Ensino Fundamental II**. Disponível em: <<http://sistemasweb.unifran.edu.br/tes/visualizar.php?id=77b6a6e45e5dee15fa89ccd a9beb19 e168c054>>. Acesso em: 06 de set. 2016.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

